



קהילת אור ישראל
KEHILAT OR ISRAEL

PARASHAT BO

Shabat, 10 de Shvat/5781 | 22 de Janeiro/2021

Acendimento das Velas: 16h45

Término do Shabat: 17h44

MATZÁ: ANTES DE SAIR?!

DVAR TORÁ

Todos conhecem o motivo, escrito na Hagadá de Pessach, de comer matzá: pois não deu tempo de a massa fermentar na saída (já que os egípcios expulsaram os judeus do Egito). Porém, na nossa Parashá, Hashem já ordena ao povo Judeu a comer matzá (e proíbe o chametz) antes de sair do Egito! Sendo assim, a matzá não é um símbolo de “fuga”, mas de salvação, exatamente como a Mishná fala. Por que, então, comemos matzá?

Explica o Maharal que a matzá é algo que não tem chametz. O que, sim, ela é? Não dá para definir. Ou seja, ela representa o interior da pessoa, a própria pessoa! Se tirarmos toda a parte exterior (chametz), sobra o “pão da pobreza”, a simples e pura identidade pessoal. E essa foi a salvação do povo judeu: muito antes da saída física, eles reconheceram quem eles são espiritualmente! Receberam a miztvá divina de comer matzá e estar conectados com a sua vontade verdadeira: fazer a vontade de D’us! Portanto, como “a massa não fermentou” (e eles se conectaram com quem são de verdade), “o Rei dos reis os salvou”. De acordo com o Ramban, eles poderiam preparar o pão antes, mas levaram a massa e a assaram no caminho, pois assim D’us quis que fosse seja, para demonstrar o motivo da saída do Egito: o interior puro, sem chametz!

HALACHÁ

ACENDIMENTO DAS VELAS (7)

Existe uma grande discussão entre os rishonim se a mulher, ao acender as velas de Shabat, pode determinar que não está recebendo o Shabat nesse momento, para poder fazer trabalhos necessários depois do acendimento, por exemplo, pegar o carro para ir à casa de amigos passar o Shabat depois de acender as velas em casa. Escrevem os poskim, assim traz o Maguen Avraham (siman 263), que a halachá é que, no lugar em que há uma grande necessidade, podemos facilitar e permitir que seja feito um tnai (uma condição), desvinculando o acendimento das velas do recebimento do Shabat, para poder fazer uma melachá (trabalho), evidentemente, antes do pôr-do-sol e não de maneira constante.

PERGUNTAS DA PARASHÁ

1. “Venha (bo) ao Faraó.” Por que não foi dito: “Vá (lech) ao Faraó”? Porque D’us está em toda parte.
2. Em que praga, além da escuridão, o dia fica escuro? Gafanhotos.
3. Quais eram os propósitos da praga das trevas? A. Matar os perversos de Israel sem que os egípcios os vissem morrer. B. Permitir que Israel visse onde os egípcios guardavam prata, ouro e vasos.
4. Que pragas foram feitas por Moisés e Arão juntos? Shchin.
5. Que golpe foi chamado de “morte”? Gafanhoto.
6. Sobre quais pragas foi dito em nossa Parashá que não aconteceram e não acontecerão como elas? Gafanhotos e primogênitos.

LEILUI NISHMAT

Sara Bat Baruch

SEFER YEHOSHUA – CAPÍTULOS 21-22

Logo após dividir a terra entre as doze tribos, os líderes da tribo de Levi vieram até Yehoshua para lembrá-lo de que os leviim deveriam receber cidades espalhadas por toda Eretz Israel. Yehoshua, então, faz mais um sorteio, dessa vez entre as cidades da região, e quarenta e oito cidades são dadas à tribo de Levi.

Neste momento, quatorze anos após o começo da conquista, Yehoshua chama as tribos de Reuven, Gad e metade de Menashe, e as manda de volta para o leste do rio Jordão. A missão de conquistar Eretz Israel foi cumprida, e eles podem finalmente voltar para suas famílias. Logo ao chegarem de volta a Eretz Gil'ad, as duas tribos e meia constroem um grande altar, parecido com o altar feito no Mishkan. Quando o povo judeu que se encontra ao oeste do rio Jordão fica sabendo de tal acontecimento, eles se reúnem e montam um exército para atacar seus irmãos, acreditando que o altar fora construído como templo para algum novo deus. Porém, antes de atacar, eles mandam Pinchas e mais dez líderes, um de cada tribo, para conversar com as tribos do leste.

Por que eles construíram um altar? Será que teremos aqui a primeira guerra civil do povo judeu?

PENSANDO BEM: OS NOMES DE HASHEM

Na semana passada, perguntamo-nos por que Hashem se apresenta com tanta diversidade de nomes? Se tratamos do mesmo (e único) D'us, qual a necessidade dessa mudança e dos diferentes nomes?

Antes de mais nada, devemos nos fazer uma pergunta banal: O que é um nome?

A resposta exata a essa pergunta será que o nome é a forma como um ser é **conhecido** por outros.

Mesmo aqueles cuja história e personalidade, seu lado físico, emocional ou mental, conhecemos a fundo, nunca podemos alegar que conhecemos alguém por inteiro. Tentar definir uma pessoa é, no mínimo, ingenuidade, quando sabemos nem a nós mesmos conhecemos totalmente. Tudo o que sabemos sobre alguém baseia-se na vivência que temos com ele e nos lados de sua personalidade que se revelam através desse relacionamento.

De fato, o nome que damos a alguém depende do nosso relacionamento com essa pessoa. O nosso padrão chamaremos de chefe, alguém de idade chamaremos de senhor e a quem nos deu a vida chamaremos de mãe.

Todos esses nomes ou adjetivos apontam para o lado mais presente no contato entre duas pessoas, e, ao chamar alguém por esse nome, estamos afirmando que a nossa referência a eles se baseia na relação que existe entre eles.

Continuamos na semana que vem.

